



Sexto Domingo depois de Pentecostes (11/07/04)

Próprio 10

1ª leitura – Antigo Testamento – Deuteronômio 30.9-14

Estamos temporariamente sem um colaborador disponível *para o textos do Antigo Testamento*

2ª leitura (Epístola) – Colossenses 1.1-14

Uma das estórias mais interessantes que me lembro ter sido contada em minha infância, foi a de Aladim e a lâmpada maravilhosa. Certamente todos se lembram do que acontecia quando alguém esfregava a lâmpada: aparecia o gênio da lâmpada para realizar os desejos daquele que o havia libertado. Mais tarde esta estória se transforma em seriado de televisão em *Jeanie é um Gênio*.

Mesmo sem ter à sua disposição um *gênio da lâmpada*, neste texto da Epístola de hoje, Paulo está fazendo, depois da saudação (v.1, 2), uma oração pelo progresso espiritual (v. 9-12) daquela comunidade. Conscientes de que nesta oração Paulo manifesta seu desejo, gostaríamos de meditar hoje justamente sobre este tema: **O desejo Paulino para a Igreja.**

Quando observamos o texto da Epístola de hoje compreendemos que Paulo revela desejos em pelo menos três esferas bem distintas.

Em primeiro lugar, Paulo deseja que **disposições morais** (v.9). A quantidade desta disposição que Paulo deseja que esteja presente na comunidade de Colossos é muito bem vista na palavra "transbordeis". De fato, o que Paulo deseja é que haja um transbordamento destas disposições morais na comunidade de Colossos. E as disposições que deveriam transbordar são: Conhecimento, Sabedoria e Entendimento. Quando ele fala em Conhecimento não está falando de qualquer tipo de conhecimento. No original a palavra que aparece aqui é *epignosos*, fazendo referência a um conhecimento que vem do alto. Quando os antigos falam em *conhecimento*, é claro que eles não estão pensando em conhecimento técnico ou especulativo. Este tipo de conhecimento falado aqui é aquele mais prático, que pode ser visto, por exemplo no livro de Provérbios. As outras duas palavras *sabedoria* e *entendimento*, são qualificados pelo adjetivo *espiritual* (do grego *pneumático*) se referindo a uma ajuda vinda diretamente do Espírito Santo de Deus. Em resumo, Paulo está orando para que a comunidade em Colossos, alvo da ação de algumas seitas cristãs primitivas, seja cheia de um conhecimento, de uma sabedoria e de um entendimento que venha do alto, e não daquele que é demonstrado pelos pregadores de novidades que pululavam naquela região.

Em segundo lugar Paulo deseja que eles tenham um **estilo de vida**. Qualquer tipo de mudança nas disposições mentais deve produzir também uma mudança semelhante em nosso estilo de vida. É por causa disso que Paulo pretende que a vida



dos cristãos seja caracterizada por uma vida “de modo digno do Senhor” (v.10). Para Paulo, viver de modo digno do Senhor é o mesmo que viver à altura da fé que confessamos. Mas Paulo vai adiante. Para ele nosso estilo de vida deve agradar a Deus inteiramente (v.10), deve frutificar em toda a boa obra, (v.10) e deve produzir crescimento no conhecimento de Deus (v. 10). Alguém já disse que nossos atos falam mais alto que as nossas palavras. De nada adianta gritar ou utilizar os mais sofisticados recursos eletrônicos para pregar ou evangelizar se nossos gestos dizem o contrário. Esta diferença entre o que dizemos e o que fazemos chamamos de incoerência, mas também poderíamos chamar de hipocrisia.

Em terceiro lugar Paulo deseja que eles tenham como **alvo espiritual**, o crescimento. Metáforas ligadas à agricultura estão sempre presente nos textos de Paulo. Tanto o texto de Gálatas que fala do fruto do Espírito como aquele que nos apresenta a lei da sementeira (o que semearmos colheremos), estão eivados de elementos da cultura agrícola na qual nosso autor vivia. Agora, ele fala do alvo espiritual da Igreja como sendo o “crescimento”, ou seja, o desenvolvimento sadio de uma árvore. Este crescimento não pode ocorrer de qualquer forma. Ele deve ocorrer “pelo poder de sua glória” (v.11), para a perseverança (v.11) – palavra que ele usa em relação com as circunstâncias, para a longanimidade (v.11) – palavra que ele usa em relação às pessoas, e sempre em gozo, ou seja, com alegria. A alegria é a atitude do cristão em todas as circunstâncias da vida. mas, acima de tudo, “dando graças ao Pai” (v.12).

Em algumas culturas não encontramos um *Gênio da lâmpada*, mas encontramos um *Poço dos desejos*. Neste posso devemos jogar uma moeda e fazer um desejo. Outros momentos mágicos em que nossos desejos se tornam realidade são a hora em que cortamos o bolo de aniversário, ou quando assistimos a queda de uma *estrela cadente*. Na vida cristã não temos estrelas, bolos, poços ou gênio. Temos a vontade de Deus para nós revelada em sua Palavra e praticada por Jesus Cristo. Estamos dispostos a cumprir sua vontade? (JLFA)

Santo Evangelho – Lucas 10.25-37

Num mundo dividido por conflitos étnicos e religiosos, o evangelho de hoje nos toca de modo particular. A parábola do “Bom Samaritano” (aliás, o adjetivo “bom” não existe na parábola) é uma das mais conhecidas do evangelho e só se encontra no evangelho de Lucas. No passado muita gente a interpretou alegoricamente: o homem espancado seria o pecador, deixado quase que morto e sem forças pelo diabo. Sacerdotes e levitas representariam as religiões estabelecidas, enquanto o bom samaritano seria Jesus, que restaura o pecador, cura, o insere na igreja (hospedaria) e promete voltar. Apesar da criatividade, tal interpretação retira totalmente a densidade do ensino dessa parábola.

A parábola não pode ser isolada do diálogo que a motiva. Um intérprete da lei pergunta a Jesus o que deveria fazer para herdar a vida eterna. Trata-se de uma aproximação tipicamente judaica, bastante prática, própria de quem está preocupado com a observância de leis. A rigor, a pergunta está mal colocada, pois um herdeiro



não precisa fazer nada para herdar aquilo que lhe pertence. O Antigo Testamento já sublinhava que Deus prometeu a terra ao povo hebreu não porque esse tenha feito algo para merece-la, mas por livre iniciativa e gratuidade de Iahweh. Porém, a pergunta motiva Jesus a aprofundar a preocupação central do intérprete. Ao invés de responder, Jesus faz outra pergunta: “que está escrito na Lei?”. O intérprete passa a recitar o Shemá, e o faz corretamente. O intérprete revelara ser guardião de uma boa teologia. O problema, porém era outro: como fazer para que uma teologia ortodoxa não fique apenas na memória ou na mente, mas desça ao coração, motivando também uma ortopraxia (prática correta)? Novamente, surge outra pergunta: “quem é o meu próximo?”.

É nesse ponto que Jesus narra a parábola. Os personagens são representativos das instituições da época: sacerdote e levita eram os guardiões litúrgicos do sistema sacrificial do Templo de Jerusalém, os mais legítimos representantes da religião da época. Há muitas questões envolvidas na atitude de ambos. Dentre elas, o ouvinte da época poderia até mesmo desculpá-los, pois caso o homem à beira da estrada estivesse morto, a aproximação de um cadáver os tornaria impuros. O samaritano era membro de um dos povos mais odiados pelos judeus. Eram publicamente amaldiçoados nas sinagogas. O texto dêutero-canônico do Eclesiástico diz: “dois povos aborrecem a minha alma, e o terceiro, que eu aborreço, não é um povo: os que habitam no monte Seir, e os filisteus, e o povo estúpido que habita em Siquém” (samaritanos – Ecl 50.25-26). A Mishná declara: “Aquele que come o pão dos samaritanos é como aquele que come a carne dos suínos” (*Mishna Shebiith* 8.10). A identidade étnica do homem espancado não é indicada. Poderia ser um judeu ou um gentio. Mas isso pouco importa: era um ser humano. O samaritano viajante poderia ter seguido seu caminho e não se envolver com ele. Porém, ele que era de uma religião sincrética tinha algo mais importante que a ortodoxia: a compaixão.

Jesus poderia ter contado uma parábola citando um nobre judeu ajudando um odiado samaritano. Seria uma bela lição de moral. Mas não o fez. Ao contrário, inverte totalmente os papéis. Na lógica de Jesus, o vilão é a vovozinha e o caçador, e não o lobo-mau.

Merece destaque a utilização de óleo e ao vinho nos primeiros-socorros (v.34). Não eram remédios próprios para os primeiros socorros, mas elementos sacrificiais utilizados na adoração do templo. O verbo utilizado no vers. 34 - “derramar” (“derramou-lhes óleo e vinho...”) - também procede da linguagem litúrgica. O sacerdote e o levita lidavam constantemente com esse verbo nos sacrifícios e libações. Eles derramavam óleo e vinho no altar, diante de Deus. Porém, quem faz isso na parábola é o odiado samaritano que derrama preciosos líquidos num sacrifício vivo e santo. É o samaritano quem derrama a verdadeira oferta aceitável ao Senhor.

Desse modo, Jesus responde à pergunta: “quem é meu próximo?”, mostrando que essa também está mal formulada. A pergunta correta deveria ser: “de quem devo tornar-me próximo?” Com a parábola, Jesus nos faz pensar: “de quem devo tornar-me próximo?”.

Um ser humano sofria na beira do caminho. Cristãos de várias igrejas (católica, anglicana, evangélica, pentecostais, etc), passaram por ele mas não se sensibilizaram.



Centro de Estudos Anglicanos



Alguns estavam mais preocupados com questões teológicas; outros mais preocupados com o horário do culto; e outros ainda, bastante incomodados com a falta de pureza na igreja. Mas pela misericórdia de Deus, passou por ali um homossexual assumido, freqüentador de terreiros e centros-espírita. Esse se compadeceu e cuidou dele. Jesus nos diz hoje: “vai e procede do mesmo modo” (CEBC).